The background of the entire page is a dark blue, almost black, color. It features ten stylized, realistic portraits of young men, arranged in three rows. The top row has three portraits, the middle row has two, and the bottom row has five. Each portrait is set against a dark, circular vignette. The men are depicted with various expressions, some smiling and some serious. They are wearing dark red or maroon V-neck shirts. Scattered throughout the background are several small, orange, multi-pointed starburst graphics.

daniela arbex

# LONGE DO NINHO

Uma investigação do incêndio que  
deu fim ao sonho de dez jovens  
promessas do Flamengo de se tornarem  
ídeos no país do futebol

daniela arbex

# LONGE DO NINHO

Uma investigação do incêndio que  
deu fim ao sonho de dez jovens  
promessas do Flamengo de se tornarem  
ídolos no país do futebol



Copyright © 2024 by Daniela Arbex

*Preparação* Manoela Sawitzki

*Revisão* Eduardo Carneiro e Kathia Ferreira

*Checagem* Rosana Agrella da Silveira

*Capa, projeto gráfico e diagramação* Angelo Bottino

*Ilustrações de capa* Airá Oresco

Todos os esforços foram feitos para rastrear os detentores dos direitos autorais. O editor pede desculpas por quaisquer erros ou omissões e ficaria grato se notificado de eventuais correções que devam ser incorporadas em futuras reimpressões ou edições deste livro.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A694L

Arbex, Daniela, 1973-

Longe do ninho / Daniela Arbex. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.  
il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-510-0896-6

1. Clube de Regatas do Flamengo - Acidentes - Rio de Janeiro (RJ). 2. Acidentes - Futebol - Rio de Janeiro (RJ). 3. Reportagens e repórteres. 4. Vítimas de acidentes. 5. Acidente - Investigação - Clube de Regatas do Flamengo. I. Título.

23-87277

CDD: 796.334098153  
CDU: 796.332(815.3)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

29/11/2023 04/12/2023

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

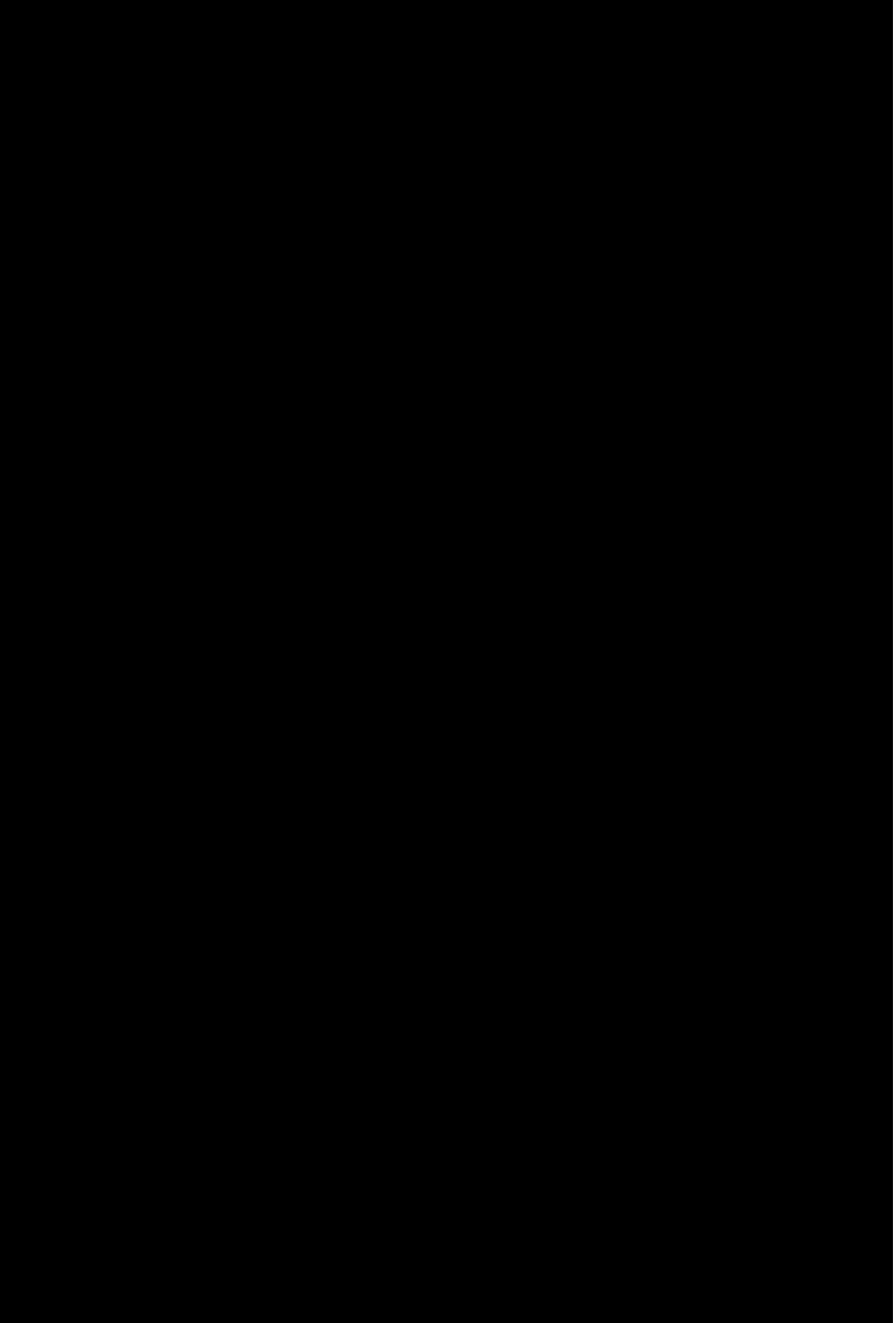
**Para eles**

**“Jogar no Flamengo  
pode ser qualquer coisa,  
menos comum.”**

— Cauan Emanuel, sobrevivente da tragédia  
do Ninho do Urubu

1

Uma vez Flamengo



O sol já tinha se levantado quando o telefone tocou na casa da rua João Polato Neto. Rosana correu para atender, mas teve dificuldades para encontrar o celular na bolsa de couro caramelo. Até abrir o fecho e localizar o aparelho em uma das repartições, quem ligou já havia desistido da chamada. Como o número era desconhecido, ela não se preocupou em retornar a ligação. Continuou os afazeres domésticos, que pareciam intermináveis. Além de cuidar do quarto e sala construído nos fundos da casa da mãe, em Limeira, município industrial do interior de São Paulo, ela era chefe de família, realidade em um país onde mais da metade dos lares é sustentada por mulheres. Separada do marido havia mais de uma década, Rosana tinha três filhos, um deles cadeirante. Agora, aos 49 anos, também era responsável pela mãe, que já apresentava os primeiros sinais da doença de Alzheimer.

Com o pequeno salário que ganhava como funcionária da lavanderia da Santa Casa — trabalhava no turno da noite —, Rosana se desdobrava para dar conta das múltiplas tarefas que havia assumido, muitas delas sem escolha. Opção, aliás, era substantivo que ela desconhecia. Nunca fez o que realmente desejava, apenas o que lhe era imposto pela vida. Desde pequena, queria seguir a carreira militar, porém, à medida que crescia, mais distante ficava dos bancos da escola. Para os pais dela, cortadores de cana-de-açúcar que mal sabiam ler e escrever o próprio nome e tinham as mãos ocupadas com facção, o estudo era um luxo dispensável. Por isso, aos 12 anos, Rosana já trabalhava como ajudante de cozinha. Aos 16, conseguiu emprego de soldadora em uma fábrica de bijuterias. Em seguida, engrossou a estatística da gravidez na adolescência. Aos 20 anos, se viu com uma criança nos braços para criar. Mas a maternidade trouxe um afeto que nunca experimentara. Por isso se apegou tanto ao papel de mãe. Ela, que não pôde realizar seus sonhos, fazia de tudo para que os filhos conquistassem os deles.

— Esse número é da dona Rosana? — perguntou, por telefone, a pessoa que havia tentado falar com ela mais cedo.

— Sim — respondeu a mulher sem reconhecer a voz do outro lado da linha. — Quem está falando?

— Aqui é Júlio, da loja Stilo. Estou ligando pra dizer que a encomenda da senhora ficou pronta.

Ela suspirou. Se ele tivesse ligado quatro dias antes, daria tempo de entregar o pacote diretamente ao dono. O jeito era ir buscar a mercadoria e despachar pelo correio, afinal, tratava-se de uma questão de saúde. Rosana prendeu os cabelos, calçou

as Havaianas, vestiu a blusa branca listrada e a saia jeans na altura do joelho que costumava usar para sair. Andou rápido em direção à rua Treze de Maio, onde ficava a ótica. A fachada verde da Stilo a destacava das outras lojas do ramo.

Atencioso, Júlio repassou o pedido com a cliente. Junto do estojo das lentes de contato, que haviam custado 400 reais — quase um terço do salário de Rosana —, o proprietário colocou dois frascos de soro e o receituário médico da Santa Casa Saúde assinado por um oftalmologista do convênio oferecido pelo hospital em que ela trabalhava. O homem embalou a compra com plástico-bolha e a entregou à consumidora.

Rosana, então, seguiu a pé para a agência central dos Correios da rua Tiradentes. Contratou um serviço de entrega rápida e ajeitou, com cuidado, a encomenda embalada pelo dono da ótica dentro da caixa de Sedex. Em seguida, pediu uma caneta para escrever o endereço.

— Preencha aqui — apontou o funcionário.

Com a caneta nas mãos, ela leu em voz alta.

— Remetente. Sou eu, né?

— Sim, a senhora.

Ela, então, começou a redigir:

Rosana de Souza  
Rua João Polato Neto  
Limeira/ SP

— Agora, coloca o destinatário — explicou o agente. — O nome de quem vai receber a encomenda.

— Tá.

Rykelmo de Souza Viana  
Estrada dos Bandeirantes, nº 25997  
Clube Regatas do Flamengo  
Rio de Janeiro/RJ

O homem pegou a caixa amarela com logotipo azul, pesou a mercadoria e passou uma fita adesiva transparente em volta do pacote de 380 gramas. Marcou um X no campo do aviso de recebimento (AR), que permite a comprovação da entrega, e carimbou a data: 7 de fevereiro de 2019.

Quando saiu da agência na manhã daquela quinta-feira, Rosana suspirou aliviada. Finalmente, o filho de 16 anos, jogador do futebol de base do Flamengo, ia enxergar melhor o mundo que o rodeava. Com quatro graus de astigmatismo no olho esquerdo e dois no direito, o volante do Rubro-Negro vinha se queixando. Nada, porém, que o fizesse perder a bola de vista. Vencera o 8º Hamdan International Football Championship, disputado em Dubai, nos Emirados Árabes, em 2018, quando integrou o time sub-16 do Flamengo. A vitória histórica em cima do Real Madrid fora selada nos pênaltis. Um ano antes, Rykelmo havia ajudado o time sub-15 a conquistar o bicampeonato da Copa Votorantim. Conhecia de trás para a frente o caminho que levava ao gol.

Como já havia adiado a ida ao oftalmologista outras vezes, ele não escapou da consulta durante as férias de janeiro de 2019. Saiu do consultório médico com a receita nas mãos.

A primeira tentativa de experimentar um par na loja, ainda em Limeira, não dera certo. Impaciente, o atleta ficou nervoso e prometeu a Rosana que se esforçaria para se adaptar às lentes assim que chegassem ao Centro de Treinamento de Futebol Presidente George Helal (CT), popularmente conhecido como Ninho do Urubu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

“Filho, acabei de mandar as suas lentes. O correio deve entregar até amanhã cedo”, escreveu Rosana no aplicativo de mensagens do celular. Ele respondeu com uma figurinha. Mais tarde, quando voltasse para o alojamento da base, conversaria com a mãe, como fazia todas as noites.

Rykelmo havia se reapresentado ao Flamengo três dias antes. O retorno, entretanto, fora marcado por uma baita confusão. Tinha viajado de Limeira para Campinas na tarde do domingo, dia 3 de fevereiro, a fim de pegar o voo da Gol para o Rio de Janeiro, mas perdeu o embarque.

— Não se preocupa, “Preto”, às vezes não era pra você ir — consolou a mãe, que sempre o acompanhava até o Aeroporto Internacional de Viracopos.

Ambos tinham sido levados de carro a Campinas, onde fica o aeroporto, por Miguel, tio do jogador. Um padrinho do atleta emprestou o próprio veículo para a viagem.

— Mãe, a senhora está certa, mas é o Flamengo, né?

Rykelmo sabia o tamanho da responsabilidade que havia assumido. E tinha noção do que representava para um jogador tão jovem quanto ele vestir a camisa 5 do maior clube do Brasil. Desde os 6 anos de idade, quando começou no futebol, o menino batizado pelo pai com o nome do craque argentino

Riquelme, que jogava no Boca Juniors, sonhava com a carreira nos gramados. Já tinha passado pelo Grêmio e atuado pela Portuguesa Santista, time onde foi destaque em 2016, mas nada se comparava com a honra de defender a camisa do clube que somava mais de 40 milhões de torcedores. Por isso ele fez questão de telefonar, do aeroporto, para seu supervisor no Flamengo e alertá-lo sobre o que havia acontecido.

Ainda no saguão do Viracopos, o adolescente checou, pelo aplicativo do celular, o horário dos ônibus que partiriam de Limeira em direção à Cidade Maravilhosa naquele domingo.

— Mãe, tem um ônibus saindo às dez da noite. Só tem três assentos disponíveis — avisou.

— Segura a passagem, a gente passa o cartão — autorizou Rosana, mesmo sabendo que a compra do bilhete seria mais um rombo no seu já limitado orçamento doméstico.

Os 300 reais líquidos repassados mensalmente pelo Flamengo por meio de uma bolsa aprendizagem eram insuficientes para cobrir os gastos do garoto. Embora morassem no CT e o clube arcasse com as despesas relativas a educação, saúde e alimentação dos jogadores, os extras, que incluíam a compra das chuteiras, ficavam por conta das famílias dos atletas. As de marca nunca saíam por menos de 400 reais. Geralmente, Rykelmo gastava mais de uma por semestre. A última que ele havia encomendado pela internet — vermelha com detalhes em preto, na qual mandou bordar o nome dos pais em letras douradas — já tinha sido aposentada. Sem o cravo na sola, uma das travas que ajudam a manter a aderência ao solo, o calçado perdera a utilidade.

De volta a Limeira naquele domingo, o adolescente seguiu para o conjunto residencial Victor D’Andrea, a fim de esperar o horário da partida do ônibus. Eram 9h30 da noite quando saiu novamente de casa com Rosana. Dessa vez, ela o acompanharia até a rodoviária.

— Mãe, 2019 será o meu ano. Faz seu passaporte que a senhora vai viajar comigo.

— Filho, você sabe que a mãe tem medo de avião.

— Para com isso, mãe. É a mesma coisa que andar de carro. Não, pensando bem, é melhor, porque não tem buraco.

Ela riu.

— Um dia, vamos morar em Dubai — prometeu o jovem.

Rosana sentia-se abençoada. Rykelmo, o filho do meio, era o pilar daquela família. Mesmo sendo treze anos mais novo do que a irmã Camila, de 29 anos, cuja deficiência física a tornara cem por cento dependente de cuidados, e apenas quatro anos mais velho do que Natália, a caçula do clã, de 12 anos, o jogador era visto como o “homem da casa”. Para a mãe e as irmãs, ele simbolizava a esperança de dias melhores. Testemunhar a alegria estampada no rosto do garoto confortava o coração de Rosana.

— Mãe, o ônibus chegou. Preciso ir — disse ele, despedindo-se rápido. — Tchau, fica com Deus.

Rosana, que esperava na plataforma, abençoou seu menino. Mas quando Rykelmo subiu os degraus do veículo, ela sentiu vontade de mantê-lo junto de si. “Vai lá e abraça seu filho. Pode ser a última vez”, pensou, sem conseguir sair do lugar.

No ônibus, o atleta foi até a janela e lembrou a mãe da proximidade do aniversário dele. Em poucos dias, faria 17 anos

e tinha planos para comemorar a data com um churrasco em família.

— Dia 26, tô de volta pra minha festa — avisou.

Rosana assentiu com a cabeça. Esperou o veículo ir embora para deixar a rodoviária. O relógio marcava 22h05.

Quinhentos e cinquenta quilômetros separavam o município paulista do Rio de Janeiro. Se não tivesse perdido o voo naquela tarde, Rykelmo já estaria no CT. O jeito era se conformar com a situação e tentar dormir na poltrona desconfortável do ônibus, para se esquecer das horas de viagem.

No Paraná, naquele mesmo horário, outros quatro jogadores embarcavam em uma van em direção ao CT: Gedson, Gasparin e Naydjel, com 14 anos, além de Gabriel, 15. Assim como o limeirense, eles enfrentariam um longo percurso: 840 quilômetros até o Ninho do Urubu. Do grupo, apenas Gabriel ainda estava em fase de testes no Rubro-Negro.

Os quatro atletas embarcaram no Trieste, um centro de excelência em futebol localizado em Curitiba. A previsão era de que chegariam ao Rio na segunda-feira até o horário do almoço. Os adolescentes viajaram acompanhados de Léo Stival, filho do diretor do time amador do bairro de Santa Felicidade. Desde abril de 2018, o Trieste, que antes mantinha um convênio com o Athletico Paranaense, se tornou um recrutador de talentos do Flamengo. Nos nove meses seguintes, conseguiu emplacar grandes promessas nas categorias de base do principal clube carioca.

Gedinho era a mais recente delas. Fora aprovado para o Flamengo cerca de quinze dias antes, quando jogava uma partida

em Curitiba. Dos quatro jogadores que seguiam juntos para a capital fluminense, ele era o único que ainda não conhecia o Ninho do Urubu. Apesar da pouca idade, já podia ser considerado um jogador experiente. Tinha somente 11 anos quando saiu pela primeira vez de Itararé, cidade paulista com 50 mil habitantes, para ser avaliado no Paraná. Estava acompanhado do pai, de quem herdara o nome.

— Cadê o Gedinho? — perguntou Teresa ao ver o marido voltar para casa sozinho.

— Ele ficou lá no Trieste — respondeu Gedson em voz baixa.

A mãe de Gedinho desabou. Ela e o marido não conseguiram dormir à noite. Nenhum dos dois estava preparado para ficar longe de uma criança de 11 anos. No primeiro dia em que acordou sem o filho em casa, Teresa foi para o mercado, onde trabalhava como operadora de caixa, com os olhos inchados de tanto chorar. Gedson, que era empregado de uma transportadora, estava de folga, mas também não aguentou ficar na residência. Ele tinha apenas 22 anos quando Gedinho nasceu. Ela, 24 anos. O primogênito era tudo para o casal. Sem saber se tinha feito a coisa certa ao deixar o filho em Curitiba, Gedson saiu pelas ruas da pequena Itararé procurando o rosto dele em todas as crianças que encontrou pelo caminho.

— Pai, o senhor vai receber um e-mail importante. Não vou contar o que é, mas garanto que terá uma surpresa — adiantou o jogador, três anos depois, quando já estava em Curitiba.

Gedson já desconfiava que o filho passara no teste para atuar no Flamengo. Embora tivesse muito receio da violência no Rio, ele e a mulher estavam mais preparados do que anos

atrás para enfrentar a distância de Gedinho. O filho alcançara os 14 anos e, apesar de ser só um adolescente, estava cada vez mais dedicado ao sonho de ser reconhecido como um grande jogador, mesmo sendo considerado de estatura baixa para o esporte que havia escolhido: media pouco mais de 1,50 metro.

A altura, porém, nunca o atrapalhara. Chegou a ser apelidado de Mini Messi e até de Novo Messi pela torcida do Trieste Futebol Clube. A comparação do garoto com o atacante argentino, que fez história por seus dribles com o pé esquerdo, era recorrente, em função da habilidade do pequeno brasileiro com a *pelota*. Dentro de campo, Gedinho surpreendia com sua rapidez na armação das jogadas e na troca de passes. No Trieste, impressionara todos certa vez ao dominar a bola com a canhota e, do meio do campo, marcar um gol improvável — a bola bateu na trave e entrou.

Dias antes da viagem para o Rio, o adolescente viu o pai mais uma vez cuidar das roupas que iria levar. Gedson era quem passava as roupas da família. Teresa colocava tudo dobradinho na mala — inclusive o conjunto de moletom que o filho jamais usaria no verão carioca. “Mas e se esfriasse?”, pensava a mãe. Sentado no chão da sala de casa — erguida nos fundos do terreno da avó paterna —, Gedinho observava os pais. Juntos, eles e o caçula Geraldo, de apenas 3 anos, formavam um belo time.



— Irmão, que loucura, vamos juntos pro Flamengo — disse Gabriel a Gedinho assim que se acomodaram na van.

Gedinho, que havia deixado Itararé no sábado em direção a Curitiba para se reunir ao grupo de jogadores, comemorou com um soquinho nas mãos do amigo.

Gabriel morava em Franca, na região nordeste do estado de São Paulo. Na cidade conhecida como “a capital nacional do calçado”, os pais do atleta, Ricardo e Tatiana, trabalhavam com pesponto de bolsas. A pequena confecção era responsável pelo sustento da família. Ciente da luta dos pais, o jovem queria proporcionar uma vida melhor aos seus por meio do futebol.

A primeira experiência em campo fora no Botafogo de São José do Rio Preto. Ricardo, no entanto, não conseguiu manter o filho treinando no clube que ficava a 223 quilômetros de distância de casa. Sem idade para morar no alojamento — tinha menos de 14 anos —, o lateral-direito precisava viajar diariamente para Rio Preto. Mesmo revezando o custo do deslocamento com o pai de outro jogador, o gasto diário com a viagem impactava diretamente o orçamento doméstico. O rendimento escolar de Gabriel também era uma preocupação. Por isso os testes no Flamengo significavam tanto para ele. Vestir o manto vermelho e preto era o primeiro passe para a vida que desejava ter.

Naydjel também estava confiante com o futuro no futebol. O menino batizado pelo pai gremista com o nome do ex-campeão mundial da Fórmula 1 Nigel Mansell — com a grafia abrigada pelo pai, que adorava a letra y — foi escolhido para jogar nas categorias de base do Flamengo aos 13 anos. Ao contrário de Gabriel e Gedinho, ele não somava passagens por outros clubes. Jogador de futsal, o volante

do Paraná com ascendência alemã ficara em treinamento no Trieste de Curitiba por três meses antes de fazer o primeiro teste no Rubro-Negro.

A estreia no Rio, entretanto, não foi tão tranquila quanto ele imaginara. Quando desembarcou na capital fluminense pela primeira vez, em novembro de 2018, Naydjel experimentou um choque de realidade com as contradições que o esperavam ali. Diferentemente do que imaginava, o maior destino turístico internacional do Brasil não era só feito de belezas.

Ao desembarcar do ônibus e seguir de van para Vargem Grande, bairro onde se hospedaria em uma casa de apoio mantida pelo clube do Trieste, Naydjel se deparou com um trânsito frenético, viadutos pichados e a infraestrutura precária das casas erguidas em comunidades. Segundo dados do Censo de 2010, 22% da população do Rio residia em uma das 763 favelas do município. Juntas somavam 1.393.314 de habitantes, 25 vezes mais do que o número de moradores da pequena Marechal Cândido Rondon.

— Naydjel, você está treinando bem. Se continuar no mesmo ritmo, a aprovação no Flamengo já é quase certa — apostou um dos caça-talentos do Trieste em 2018.

Sem conseguir controlar a ansiedade, ele telefonou para casa.

— Mãe — sussurrou por telefone —, soube agora que se eu mandar bem no treino de amanhã, vou passar.

Dito e feito. No dia seguinte, ao deixar o campo do Flamengo uniformizado com a camisa nas cores azul e dourado — uma versão semelhante à do uniforme usado pelo clube carioca no início da sua história —, Naydjel foi fotografado.

A imagem que anunciava a aprovação no time foi enviada para a promotora de vendas Carla e o técnico em refrigeração Nilson, pais do atleta, e repostada nas redes sociais por toda a família para comemorar a conquista.

Por isso, começar 2019 alojado no Ninho do Urubu significava tanto para o adolescente. No interior da van que levava Naydjel, Gabriel e Gedinho, o clima era de descontração.

— Piás — disse o paranaense —, se lembram de quando eu fui escalado para marcar o Gedinho no Trieste? Quando eu vi ele pela primeira vez, pensei na hora: esse “anão”? Nu, vai ser moleza. Só que não. O cara me deu um drible, que eu estou procurando por ele até hoje — contou Naydjel.

Todos riram, emendando um assunto no outro.

— O Beno já deve ter chegado ao CT — comentou Gedinho durante a viagem, referindo-se a outra cria do Trieste: o goleiro Bernardo.

Bernardo, de 14 anos, chegou ao Ninho do Urubu no domingo à noite. Nascido em Indaial, município de Santa Catarina colonizado por alemães, ele havia viajado de avião para o Rio. Jogador do Flamengo desde julho de 2018, o atleta também retornava ao clube após as férias de verão. Era a primeira vez, porém, que se apresentava no CT sem a companhia do pai.

Funcionário de uma empresa de beneficiamento de arroz no Sul do país, Darlei, 49 anos, sempre fez questão de levar o filho pessoalmente à capital fluminense. Naquele domingo, porém, um primo que trabalhava no Rio se ofereceu para acompanhá-lo até Vargem Grande. Por isso Darlei e a esposa,

Lêda, professora da rede municipal de ensino, também de 49 anos, se despediram do caçula no Aeroporto Internacional de Navegantes, localizado a 72 quilômetros de Indaial.

Quando Bernardo foi para o Flamengo pela primeira vez, a família do jogador preparou uma festa de despedida inusitada, surpreendendo até o homenageado. Todos os parentes do goleiro, inclusive o pai — torcedor do rival Fluminense —, vestiram a camisa vermelha e preta, um sacrifício para quem, como Darlei, era um fiel defensor do clube das Laranjeiras.

O jornalista Mário Filho, um dos maiores cronistas esportivos do Brasil, dizia que a devoção de um torcedor de futebol ao seu clube é igual ou maior do que o amor romântico, quase um casamento, feito para durar a vida toda ou até que Deus separe. “É mais difícil deixar de amar um clube do que uma mulher”, defendia o homem nascido em 1908, cujas ideias eram afinadas com a cultura da época em que vivera.

Darlei entendia das duas coisas: estabilidade de um longo casamento e devoção ao time do coração. O certo é que, naquele caso, o uso da camisa do Flamengo por um torcedor do Fluminense não podia ser considerado traição.

No saguão do aeroporto de Navegantes, seis meses depois, Lêda e o marido abraçaram o filho. Com a bolsa do Flamengo a tiracolo, Bernardo foi um dos últimos a entrar na sala de embarque. Antes, beijou os pais. Felizmente, ninguém chorou dessa vez.

— Beno, a mãe te ama — disse a professora.

— Também amo vocês — repetiu o filho, que chamava atenção pela altura: 1,82 metro.

No avião, ele se recordou da primeira vez que viajou em direção ao Ninho. Na ocasião, o jogador também ocupou um assento na janela. Ao sobrevoar o Rio, se impressionou com as milhares de luzes acesas.

— Cara, olha quanta casa tem lá embaixo — disse o pai, que estava ao lado. — Será que lá não tem um garoto melhor que você? Então veja a oportunidade que tu estás tendo.

O atleta tinha plena consciência disso. Não à toa, passou a maior parte das férias de janeiro de 2019 trabalhando com Elton John, um experiente preparador de goleiros que nasceu na Bahia, mas se radicara no Sul do Brasil. O profissional tinha sido contratado por Darlei. A boa condição financeira da família permitia o investimento na carreira do adolescente. O maior sonho de Bernardo era ser convocado para a Seleção Brasileira.

— Darlei, esse guri é diferente. É impressionante como continua focado em treinar em plenas férias, nesse verão de janeiro! Debaixo do gol, ele se transforma em outra pessoa. Fecha tudo, embora tenha só 14 anos — elogiou Elton.

O pai de Bernardo confiava nas habilidades do garoto. Por isso, ao precisar de dinheiro para bancar a permanência do jogador fora de Santa Catarina, não hesitou em abrir mão de seu hobby, os *rallies*. Vendeu o jipe Troller que usava para disputar competições e usou o pagamento para impulsionar o sonho do filho. Antes de entrar para o Flamengo, o goleiro mudou-se para o Paraná, a fim de defender as categorias de base do Athletico. A conquista de uma vaga no Rubro-Negro paranaense, aos 12 anos de idade, confirmava que, na casa dos

Manzke e Pisetta, o futebol nunca foi encarado como brincadeira de criança.

— Tu vai ser goleiro igual ao vô — disse Horst Eralfo Manzke, maravilhado ao ver o guri que mal sabia andar catar a bola pela primeira vez.

Ferramenteiro profissional, o patriarca dos Manzke jogou no time amador de Indaial por uma década. Goleiro do tradicional XV de Outubro, o avô foi quem alimentou a paixão de Bernardo pelo esporte.

Muito alto para os seus 6 anos de idade, Bernardo era completamente desengonçado. E como ninguém queria jogar no gol, o garoto não teve dificuldades para convencer Marinho, o treinador da escolinha particular de futebol que frequentava, a deixá-lo ocupar o lugar entre as traves. Para surpresa de todos, o atleta mirim fechou o gol, sendo eleito, por sucessivas vezes, o goleiro menos vazado dos campeonatos regionais que passou a disputar. Ele se apaixonou pela função para alegria do avô, que, naquele ano de 2019, completaria 79 anos.

— Pra ser goleiro, tem que ter intimidade com a bola — ensinava ao neto.

Bernardo não pensou duas vezes: passou a dormir com ela.



— E aí? — cumprimentou Gasparin ao encontrar Bernardo no refeitório do CT naquela quinta-feira, 7 de fevereiro.

Gasparin conheceu o goleiro em Curitiba, no Clube de Santa Felicidade. O atleta curitibano jogava no Trieste desde os

8 anos de idade. Aos 13, ele foi aprovado pelo Flamengo junto com Naydjel e apenas alguns meses após Bernardo. No entanto, era a primeira vez que ficava alojado no Ninho do Urubu.

O primeiro contato com os módulos habitacionais destinados à base foi um pouco decepcionante. Em vez de os jogadores serem encaminhados para o Centro de Treinamento 1 (CT 1) — a estrutura seria colocada à disposição das categorias de base a partir de 2019 —, eles foram levados para alojamentos em contêineres semelhantes aos disponibilizados em anos anteriores. A caixa com estrutura de aço, instalada em 2017 no local projetado como estacionamento, tinha capacidade para até 36 atletas distribuídos em seis quartos. Cada dormitório contava com três beliches de madeira. Havia ainda quatro banheiros com quatro pias que ficavam localizadas no corredor da área de convivência. Ao todo, o alojamento media 131,76 metros quadrados, o equivalente a um espaço de 3,66 metros quadrados por jogador.

Ao se reapresentarem ao time, os adolescentes tinham a expectativa de ir direto para o CT 1, uma edificação com status de hotel, concluída pelo Flamengo em 2016, que hospedou a equipe profissional durante dois anos. Essas instalações haviam custado 15 milhões de reais ao clube e deveriam ser ocupadas pelo futebol de base após a conclusão das obras do novo centro de treinamento do módulo profissional, inaugurado em 30 de novembro de 2018.

Depois de vencerem o torneio Florida Cup, realizado entre os dias 10 e 12 de janeiro de 2019, nos Estados Unidos, os astros do time profissional do Flamengo retornaram ao Brasil, passando a desfrutar o conforto do Centro de Treinamento 2

(CT 2), no qual vinte novas instalações foram construídas para abrigar até 48 atletas. O espaço somava 5.500 metros quadrados, o equivalente a 114,58 metros quadrados por jogador, 31 vezes mais do que os atletas da categoria de base dispunham. Com arquitetura imponente e espelho d'água iluminado de vermelho, além de um parque aquático, o novo centro de treinamento (CT 2) havia custado 23 milhões de reais ao clube e era considerado não só um dos mais modernos do país, como também um dos melhores do mundo.

— Estão dizendo que, na próxima segunda, a gente deve se mudar para o antigo hotel dos *profi* — comemorou Bernardo com outros atletas da base.

De fato, aquela era uma boa notícia em uma semana que começara em marcha lenta. Embora os adolescentes tivessem chegado ao CT com fome de bola, os primeiros dias estavam sendo dedicados à realização de avaliações físicas e treinos de mobilidade, uma espécie de aquecimento para a dura rotina que passariam a enfrentar com o retorno das aulas — a escola funcionava no próprio Ninho do Urubu — e a volta ao campo, onde disputariam uma vaga no time titular de cada categoria.

Sorte de Rykelmo, o jogador de Limeira. Com um pouco mais de tempo livre — a chuva no Rio também provocara o cancelamento de treinos —, ele teria o fim de semana para se adaptar às lentes de contato que a mãe havia acabado de despachar pelo correio. A previsão era de que chegassem ao CT no dia seguinte, sexta-feira.



— Irmão, o que você tem? — perguntou Gabriel para Gedinho após o almoço.

— Nada, não — respondeu o amigo.

— Desde que a gente chegou ao Rio, eu tô te achando meio pra baixo. Se abre comigo — insistiu Gabriel, percebendo uma energia diferente no jogador.

— Eu estou tranquilo — respondeu o menino de Itararé.

Gabriel continuou de olho no amigo. Notou que ele ainda não tinha conseguido se entrosar e entendia o motivo. Diferentemente deles, vários atletas da base do Flamengo jogavam juntos havia muitos anos. Construir uma relação de amizade, como a que o Mini Messi mantinha com os companheiros do Athletico Paranaense, onde jogou por um ano após passar pelo Trieste, levaria tempo.

Gabriel estava certo. Alguns jogadores se relacionavam desde a infância, bem antes de jogarem no Rubro-Negro. Era o caso do goleiro Christian e do lateral Samuel Rosa, ambos com 15 anos. Nascidos no subúrbio do Rio, os dois se conheceram no Madureira Esporte Clube, quando estavam com apenas 8 anos e estrearam entre os fraldinhas, a primeira categoria do futsal.

Natural de São João de Meriti, município da Baixada Fluminense, Samuel começou a treinar influenciado pelo tio Milzinho. A família pobre do beco da rua Congo acreditava que o filho de Cristina tinha nascido com “problema de nervo”. Pelo menos foi o que ela disse ter ouvido do médico, no Hospital do Morrinho, ao sair da maternidade com Samuel nos braços. Mesmo sem um diagnóstico oficial, os parentes quiseram

“tratá-lo” por conta própria, elegendo o futebol como remédio. Sebastião, irmão de Cristina que trabalhava na Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio (Comlurb), foi quem tirou Samuel do projeto social de Miltinho e o levou para jogar no Pavunense aos 6 anos de idade. Durante uma peneira de futebol — partidas organizadas por clubes ou por seus representantes para avaliação de aspirantes a jogadores —, ele foi visto por olheiros do Madureira, clube no qual a amizade com Christian começou.

Também morador da Baixada, Christian era o caçula de Andreia, uma capixaba que do Espírito Santo só tem a certidão de nascimento. Residente na rua Araruama, no Jardim Noia, ela engravidou de Júnior, o primeiro filho, aos 17 anos, quando ainda namorava Cristiano, vendedor autônomo que chegou a atuar em times da terceira divisão do Rio, mas nunca obteve dinheiro com o futebol. Christian nasceu três anos depois. Júnior, o mais velho, até começou a jogar, mas desistiu no meio do caminho. Foi o caçula quem realmente desejou seguir carreira com a bola.

Quando Christian deu os primeiros sinais de interesse pelo futebol, o pai iniciou a saga de quem sonha chegar ao topo da pirâmide: ir de escolinha em escolinha até o filho ser visto por um clube ou conseguir uma oportunidade de realizar testes para esses times. Sem dinheiro para levar o garoto aos treinos, o pai do jogador chegou a pular o muro da estação de trem com ele para alcançar a plataforma sem ter que comprar os bilhetes.

Foi assim que o menino passou pelo futsal do Vasco, do Marabu e do Madureira. A mãe de Christian dizia que o garoto

nascera com duas pernas esquerdas. De fato, ele chutava mal, mas, por sorte, tinha fascínio pelo gol. Além de catar bem, adorava atuar como goleiro.

No Madureira, Samuel Rosa e Christian — que, por falar como o Cebolinha da Turma da Mônica, sofria *bullying* — se tornaram melhores amigos. Eles compartilhavam a dificuldade financeira enfrentada pelas respectivas famílias — a falta de dinheiro para o transporte era rotina — e o amor por um esporte que poderia mudar a vida deles. Juntos, era mais fácil lidar com as adversidades do futebol que, ainda que seja o esporte mais popular, é profundamente seletivo. Não por acaso, o termo “peneira” acompanha os aspirantes a ídolo desde as primeiras jogadas.

— Tia, eu tô sem dinheiro pra pagar o BRT hoje — avisou o goleiro para Cristina, mãe de Samuel.

Ela também costumava levar os dois aos treinos.

— Sua mãe me disse que mandou, Christian. Tu gastou com o quê?

— Perdi.

— Perdeu nada, garoto abençoado! Você gastou com bobagem. Comprou Guaraviton e salgado — divertiu-se Cristina.

Sem recursos para pagar o bilhete dos dois, ela era obrigada a se virar. Evangélica, sempre pedia licença a Jesus na hora de pregar uma mentirinha:

— Moço, eu estou com um problema seríssimo. Esse daqui é meu sobrinho, que perdeu o dinheiro da passagem.

— De novo? Toda semana ele perde o dinheiro — retrucou o funcionário do BRT.

Eles riam.

Os dois atletas tinham apenas 10 anos quando viajaram para Portugal, a fim de disputar o Mundialito, maior torneio de futebol infantil do mundo. Sem recurso para acompanhar os filhos, Andreia e Cristina sofreram muito para deixá-los partir na companhia de adultos que elas mal conheciam. Para ambas as famílias, fora difícil comprar roupas que os meninos não tinham, como casacos de nylon e calças jeans. Christian levou duas peças de cada, além de cuecas novas. Esqueceu a metade do novo guarda-roupa no sul da Europa.

— Filho, não vai pra Portugal — pediu a mãe, chorando, no saguão do Aeroporto do Galeão.

— Andreia, para com isso. Deixa o menino ir — disse Cristiano.

O goleiro e Samuel Rosa entraram felizes no avião. Eles, que nunca tinham saído do subúrbio carioca, atravessariam o oceano Atlântico por causa do futebol. Só por isso já se sentiam vitoriosos. Da viagem, eles só não gostaram da “comida esquisita e desbotada” do país, referindo-se aos pratos da culinária portuguesa feitos à base de bacalhau.

— Que preto bonito! — disse a camareira do hotel em Portugal ao ver Samuel Rosa.

— Dona, minha mãe não me dá pra ninguém.

Ela deu uma gargalhada.

Quando os pais de Christian se separaram, foi Samuel quem deu apoio a ele.

— Cara, agarra essa bola direito. Não quero saber de você trazendo problema de família para dentro da quadra — alertou.

Do jeito delas, as duas crianças se esforçavam para cuidar uma da outra.

— Praga — disse Samuel ao beijar a cabeça do amigo no alojamento do Flamengo, depois de um dia de treino.

Os dois amigos ainda estavam matando as saudades um do outro. Não tinham se encontrado durante as férias, o que era raro. O goleiro passou a maior parte de janeiro na Granja Comary, em Teresópolis, por conta da sua terceira convocação para a Seleção Brasileira. “Muito obrigado, senhor. É sempre uma honra vestir a camisa da Seleção Brasileira”, escreveu nas suas redes sociais ao tornar pública mais uma convocação. De volta ao CT, o uso da camisa verde e amarela não era o único assunto entre o grupo. Christian estava apaixonado.

— Tia, eu tenho uma surpresa: vou casar com a baronesa — avisou o adolescente, por telefone, ao fazer uma chamada de celular para Cristina do interior do alojamento.

— Tu para de assanhamento, garoto! Onde já se viu um adolescente de 15 anos querendo casar no auge da carreira?

Samuel, que escutava a conversa, também opinava.

— Que casar nada, irmão. Quando a gente voltar de Dubai — a disputa do Dubai International Championship pela categoria sub-16 estava marcada para abril —, nós vamos é consertar a casa das nossas mães.

Samuel Rosa tinha o sonho de melhorar as condições de vida da família, instalada numa casa de chão batido. Embora fosse ruim, ela era bem melhor do que o terreno cheio de cobras onde morara na infância, perto do presídio de Engenheiro Pedreira.

— Vou casar sim, tia. A senhora e o Samuel serão os padrinhos — avisou Christian, cuja língua presa o impedia de pronunciar o erre.

Cristina se despediu deles. Antes de desligar o celular, ainda conseguiu ouvir a gargalhada dos meninos. Jorge Eduardo também estava com eles.

Volante da categoria de base do Flamengo havia mais de três anos, o mineiro Jorge Eduardo, 15 anos, não teve dificuldades para ser aceito pelos dois amigos. Não demorou muito para que a dupla formasse um trio inseparável. De fato, Jorginho, como era chamado na base, tinha carisma. Além de bom de bola, ele se saía bem com a pipa e dava show nos passinhos de funk e de samba.

O menino de Além Paraíba, que começou a jogar no Calango e logo conseguiu uma vaga no Democrata Futebol Clube, chamava a atenção pela irreverência e pelo talento. Jogou pelo Spartano e pelo Duas Barras Futebol Club, acumulando troféus. Fluminense de coração, o atleta passou a defender o escudo do Flamengo com todas as forças desde que vestira a camisa rubro-negra, aos 12 anos. Além de capitão nas categorias de base do time, ele foi campeão carioca do sub-15 no fim de 2018.

Wanderlei, o pai, mecânico, não queria que o filho fosse morar no Rio. Além de ter que desembolsar 900 reais por mês para custear um quarto para ele — Jorge ainda não tinha a idade mínima de 14 anos para ficar no alojamento do clube —, ele não aceitava que o adolescente saísse de casa tão cedo. Foi a mãe, Alba, merendeira da rede municipal de Além Paraíba,

quem decidiu apoiar o sonho de Jorge. Os dois eram cúmplices e, não à toa, ele chamava a mãe de “minha rainha”. Gostava de tudo nela, principalmente da comida que fazia. O arroz com feijão e bife era imbatível.

Wanderlei morria de orgulho do filho, que usou a braçadeira de capitão do sub-15 comandando a vitória do Flamengo na Nike Premier Cup, realizada no Brasil em abril de 2018. A conquista classificou o time para a disputa do Mundial, que ocorreu na Áustria no mesmo ano. A equipe se consagrou como a quinta melhor do mundo na categoria. O mecânico, porém, nunca deu o braço a torcer, pelo menos na frente de Jorge. Durante as férias do atleta, tentava, sem sucesso, impedir o filho de bater bola com os amigos na cidade natal. Morria de medo de que ele se machucasse.

— Você está correndo um risco danado aqui. Se acontecer alguma coisa, eu vou ter que vender Além Paraíba, Sapucaia e até Volta Grande para pagar a multa que o Flamengo vai me cobrar se você quebrar alguma coisa.

Jorge sempre driblava o pai e, toda vez que chegava em casa, corria para jogar no campo do Democrata.



— Mais alguém quer ir pro Américas? — perguntou Naydjel à porta do alojamento.

Ele, Gasparin, Gabriel e outros adolescentes tinham combinado de sair do Ninho do Urubu, no fim da tarde daquela quinta-feira, para ir ao shopping no Recreio dos Bandeirantes.

## Cinco anos após o incêndio no Ninho do Urubu que vitimou dez garotos e continua sem responsabilização, a premiada jornalista Daniela Arbex lança livro emocionante com informações inéditas sobre o que ocorreu naquela madrugada

2019. O mesmo ano que entraria para a história do Flamengo como um dos mais gloriosos — o time principal foi campeão do Campeonato Carioca, do Brasileirão e da Taça Libertadores da América — foi também o mais triste de todos. Em 8 de fevereiro, uma tragédia sem precedentes no Ninho do Urubu, o centro de treinamento do clube, fez toda a manhã amanhecer de luto. Vinte e quatro atletas da base que se reapresentaram ao clube após o fim das férias foram surpreendidos por um grande incêndio enquanto dormiam. As chamas, iniciadas pouco depois das cinco da manhã, alcançaram todos os quartos em menos de dois minutos. Os garotos, que se viram encurralados pelo fogo, lutaram até as últimas forças por suas vidas. A tragédia vitimou dez meninos entre 14 e 16 anos e colocou fim ao sonho de se tornarem ídolos no país do futebol.

Daniela Arbex, premiada jornalista investigativa, se lançou em uma extensa apuração para reconstituir o que de fato aconteceu naquela madrugada. Ao reunir laudos técnicos, trocas de mensagens e e-mails, dados e relatos até então não divulgados, além de entrevistas feitas com todas as famílias dos dez jovens, sobreviventes, profissionais da perícia criminal e do IML, Arbex conseguiu montar um quadro completo e elucidativo da trajetória dos atletas, do caminho das chamas — que atingiram temperatura superior a 600 graus Celsius — e das consequências na vida de pessoas que se viram envolvidas em uma tragédia anunciada. Com estrutura inadequada — apenas uma porta de saída — e materiais que não demonstraram ter propriedades antichamas, o contêiner-dormitório do Flamengo transformou-se em armadilha fatal.

*Longe do ninho* é um relato extremamente forte, humano e sensível sobre a morte de meninos que estavam muito distantes de casa e da proteção de seus pais. A obra reverencia a memória dos que se foram e o esforço dos atletas que sobreviveram. Apesar do trauma e do sofrimento que enfrentaram, eles encontraram no valor da amizade a coragem que precisavam para seguir rolando a bola por si e pelos irmãos de ideal, aos quais passaram a chamar de “Nossos 10”.

Com informações exclusivas, este livro-reportagem é peça fundamental para a compreensão do caso. Mais do que isso: é uma voz potente contra o esquecimento que nega a história.

### SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/longe-do-ninho/>